

# **A LINGUAGEM DA CRIANÇA: UMA QUESTÃO DE ANÁLISE, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS.**

**OLIVEIRA**, France Daniela de.

[akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

**NUNES**, Maria Marta da Silva.

[tinhanunes5@hotmail.com](mailto:tinhanunes5@hotmail.com)

**SOUZA**, Roberta Nascimento.

[robertasaad@hotmail.com](mailto:robertasaad@hotmail.com)

**MEIRELLES**, Cláudia de Souza Cardoso. (Orientadora)

Graduada em Letras, Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa,

Prof<sup>a</sup> do Curso de Letras-Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

[meirelles.claudia@terra.com.br](mailto:meirelles.claudia@terra.com.br)

## **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo relatar, refletir e efetuar análises preliminares acerca da linguagem da criança, redescobrando sua importância para o conhecimento subjetivo e o desenvolvimento intelectual. Abordando algumas perspectivas, referentes aos critérios que podem ser adotados pelos educadores, para levar o aluno a concluir que o aprendizado lingüístico é essencial para a comunicação do cidadão, já que a linguagem é o fundamental da vida em sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** análise, criança, descoberta, linguagem, perspectivas.

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

## **A LINGUAGEM DA CRIANÇA: UMA QUESTÃO DE ANÁLISE, REFLEXÕES E PERSPECTIVAS.**

### **INTRODUÇÃO**

Muito se tem escrito sobre as deficiências do ensino da Língua Portuguesa e do excesso de erros cometidos, tanto pelas crianças como também pelos jovens, sobretudo das escolas públicas. As crianças das classes populares têm pouco contato com a linguagem culta, pois aquilo que lhes poderia facilitar o acesso a esse registro – os meios de comunicação de massa estão eivados de galicismos e outros “rapinismos” lingüísticos.

O aluno é bem capaz de estacionar em sua escola, por mais de oito anos e sair para a luta no mundo do trabalho, com o mesmo registro lingüístico com o qual chegou a ela e, o que é pior, muitas dessas crianças saem dessas escolas mudas, quando se refere à espontaneidade e originalidade da linguagem.

Qual a origem de mais esse problema de um ensino, que não atende aos interesses da comunidade? Que faz o aluno distanciar-se da escola, que não o prepara para a vida e o inibe frente às muralhas sociais a transpor?

Pobre do estabelecimento e do professor que acreditar que a linguagem, com a qual a criança chega à escola, não tem criatividade, não tem poder de comunicação e tem que ser mudada. Pior ainda é aquele professor, que nem chega a perceber que essa criança domina uma linguagem inadequada para todos os momentos e locais do mundo altamente globalizado! É certo dizer que, no mundo em que vivemos, a linguagem perpassa cada uma de nossas atividades individuais e coletivas, verbais ou transverbais, as linguagens se cruzam, completam-se e se modificam incessantemente, acompanhando o movimento de transformação do ser humano e suas formas de organização social.

A invenção e a popularização do cinema, do rádio e da TV nos conduziram à era da informação que hoje vivemos e que, em virtude dos avanços da informática, tem como marca principal a aproximação entre os vários povos e nações, proporcionada pela rede internacional de computadores, citamos a Internet.

Nesse mundo em movimento e em transformação, os estudos de linguagem ou de linguagens tornaram-se cada vez mais importantes. É por meio das linguagens que

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

interagimos com outras pessoas, próximas ou distantes, informando ou informando-nos, esclarecendo ou defendendo nossos pontos de vista, alterando a opinião de nossos interlocutores ou sendo modificados pela opinião deles. É pela linguagem que é expressada toda forma de opinião, de ideologia e de formação. Também é por meio da linguagem ou das linguagens que o homem tem se expressado, no transcorrer da história, registrando o resultado de suas idéias, emoções e inquietações em livros científicos ou filosóficos, nas artes plásticas, na música, na literatura.

## **A LINGUAGEM COMO O ÁPICE DA COMUNICAÇÃO**

A linguagem encontra-se em toda parte, em nossos pensamentos e em nossas relações com os outros. Através dela é possível identificar a idade, o sexo, a origem geográfica, o nível socioeconômico e a escolaridade do falante. Por esta razão existe um estudo aprofundado acerca de natureza da linguagem. Sua importância é discutida entre os racionalistas e empiristas, que a tomam foco de discussão teórica e conceitual.

Conhecer uma língua, é ser capaz de compreender e expressar sons portadores de significados, e saber que a associação de sons forma palavras que representam diferentes conceitos, tal relação está presente até mesmo na linguagem mímica de sinais. Com estes conhecimentos nos tornamos capazes de utilizar frases de acordo com diferentes contextos, além de dominar características que não decorrem de nosso conhecimento da estrutura da língua.

O desempenho dá-se juntamente através do uso da língua, resultado desse complexo de fatores lingüísticos e extralingüísticos. Esse conhecimento ao lado da capacidade de ampliar frases e de combiná-las, formando textos através dos quais nos expressamos constitui a competência (conjunto de normas internalizadas que nos permite receber e expressar enunciados). Essas normas em seu conjunto constituem a gramática.

Cabe ao lingüista, descrever as regras da língua que constitui a gramática descritiva, assim como as leis que dizem respeito a todas as línguas. Esta é a gramática universal. As propriedades da linguagem configuram-se, portanto, como uma forma unicamente humana de comunicação, por meio de articulações de sons.

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

As crianças do mundo inteiro são capazes de se comunicarem, através de um sistema complexo de sons, independentemente do nível sócio-econômico e cultural. Esses sons são organizados, hierarquicamente de forma a produzirem padrões que se diferenciam de uma língua para outra. A linguagem é hierárquica, arbitrária e convencional. Todos os sistemas lingüísticos possibilitam aos falantes, construir e compreender um número indefinido de enunciados, e a língua não se aprende somente por meio de imitação e memorização. A linguagem é sistemática e receptiva à mudança, à capacidade criativa do homem, provocando a variação, que é regida por regras.

A linguagem, que tem uma função cognitiva e comunicativa, apresenta os seus aspectos estimulados nas relações sociais e no sentido que a linguagem conota entre os interlocutores. Neste trabalho priorizou-se a questão social, enfatizada por VYGOTSKY (1993, 1999). Para ele, a linguagem surge, inicialmente, como a forma utilizada pela criança para se comunicar com as pessoas de seu meio. Com o passar do tempo, a linguagem é internalizada e começa a atuar como organizadora do pensamento e transformadora dos processos mentais.

As pessoas, na concepção de Vygotsky são ativas nos processos do desenvolvimento, podendo intervir no seu aprendizado. Este aprendizado é visto fundamentalmente sob o prisma social, a partir do momento em que a criança começa a interagir com o meio e passa a obter cooperação de outros indivíduos. Para a ocorrência de evoluções neste aspecto, faz-se necessário também o fator motivacional.

“Os indivíduos não receberam a língua pronta para ser usada: penetram na corrente da comunicação verbal, ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar... Os sujeitos não adquirem a língua materna, é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência.” BAKHTIN, 1999. p. 272.

Durante o desenvolvimento pré-operacional (dos 2 aos 7 anos) na corrente abordada por Jean Piaget, a criança focaliza apenas uma dimensão de estímulos, ou seja, há uma inabilidade de acompanhar os processos de transformações. Esta dificuldade inibe o desenvolvimento da lógica do pensamento, pois são baseados em fantasias, e o ser humano funciona cada vez mais de forma conceitual e representacional.

Nesta fase a criança usa o pensamento intuitivo, raciocinando a partir de intuições e não de uma lógica semelhante a do adulto. Ela também adquire a capacidade de pensar sobre objetivos e fatos que não estão presentes no ambiente imediato, ultrapassando os limites

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

do aqui e agora. Não possuindo a capacidade de raciocínio de ir e vir, seu pensamento é linear.

Segundo Piaget, as crianças ainda não se atêm às regras fixadas pelo grupo, podendo conciliar seus próprios interesses aos do grupo. Não é exagero dizer-se que ele revolucionou o estudo da linguagem e do pensamento infantil, pois desenvolveu o método clínico de investigação das idéias das crianças que posteriormente tem sido generalizadamente utilizado. Foi o primeiro a estudar sistematicamente a percepção e a lógica infantil; além disso, trouxe o seu objeto de estudo uma nova abordagem de amplitude e arrojo invulgares. Em lugar de enumerar as deficiências do raciocínio infantil quando comparado com o dos adultos, Piaget centrou a atenção nas características distintivas do pensamento das crianças, quer dizer, centrou o estudo mais sobre o que as crianças têm do que sobre o que lhes falta. Por esta abordagem apositiva demonstrou que a diferença entre o pensamento das crianças e dos adultos eram mais qualitativa do que quantitativa.

Uma das formas de representação, na qual a criança deste período se engaja, é o jogo simbólico, do faz de conta, uma espécie de atividade não encontrada no estágio anterior (sensório-motor). A função deste, é satisfazer o *eu* pela transformação do que é real, naquilo que é desejado. O jogo simbólico passa a ser um fórum de idéias, de pensamentos e de coisas. Ao longo do estágio pré-operacional, cresce significativamente nas crianças o empenho de representar coisas através do desenho e seus esforços.

A linguagem é adquirida durante o pré-operacional visto por Piaget como uma transição gradual da fala egocêntrica, caracterizada pelo monólogo coletivo, a fala, por volta dos 6 aos 7 anos torna-se intercomunicativa, ou seja, as conversas envolvem uma clara troca de idéias.

Piaget acredita que as crianças tornam-se sociais, progressivamente no decorrer dos anos. Entende-se que, o desenvolvimento social age sobre o desenvolvimento cognitivo e afetivo à medida que a criança estabelece intercâmbios com o meio social.

No período dos 2 aos 7 anos o desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento afetivo não estão parados. Ao contrário, eles estão em contínua mudança. Com os processos de assimilação e acomodação constantemente, resultando na construção de uma nova e enriquecida formação cognitivista.

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

## PROCESSO DE INTERAÇÃO ENTRE A CRIANÇA E A ESCOLA

O aspecto social da linguagem, defendido por VYGOTSKY (1993, 1998), não dissocia a função comunicativa da intelectual, até porque considera que, para uma comunicação ser verdadeira, ela deve estar imersa numa rede de significados.

Em concordância a esse pressuposto, a leitura e a escrita não serão vistas pelas atitudes mecanicistas, mas sim através de um sujeito cogniscente, inserido num meio que lhe proporcione conflitos para que possa construir o seu desenvolvimento, afirmam FERREIRO, 1993 e FERREIRO e TEBEROSKY, 1985.

FERREIRO (1993) e FERREIRO e TEBEROSKY (1985) enfatizam que a criança constrói e reconstrói (porque só assim é capaz de se apropriar) a sua escrita, através da interação com os outros. O outro é quem proporciona situações de conflitos que serão solucionadas ou não. O importante é que, nas tentativas de resolução que o sujeito evolui, o interessante não é o acerto ou o erro, mas sim a lógica do processo. As autoras pensam que, a criança precisa ter noção da função social da escrita, acesso aos diferentes tipos de produções textuais e compreensão do sistema alfabético, pois somente assim a aquisição da escrita se afirmará como um produto da construção e não como um decifrar e uma cópia de letras.

A escola é o lugar em que todas as crianças devem ter as mesmas oportunidades, mas com estratégias de aprendizagem diferentes. “É necessário parar de privilegiar determinadas qualidades. O aluno mais rápido não é melhor que o mais lento”, afirma Ângela Soligo, do Departamento de psicologia Educacional da Universidade Estadual de Campinas. Trecho da entrevista feita na A Revista do Professor, em fevereiro de 2002. p. 42.

As crianças são o resultado de suas experiências. Para compreender seu desenvolvimento é preciso considerar o espaço em que elas vivem, a maneira como constroem significados, as práticas culturais etc. “Sabe-se hoje que cada ser humano tem um conjunto de células do sistema nervoso tão particular quanto à impressa digital”, afirma a psicóloga Elvira Souza Lima. “Não existe um modelo de criança de seis anos, completa Terezinha Nunes, coordenadora do Departamento de psicologia da Universidade de Oxford, na Inglaterra. Trecho do artigo apresentado na A Revista do Professor, em março de 2003. p. 25.

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

É importante, contudo, propor trabalhos em grupo e misturar alunos que apresentem diversos níveis de aprendizagem, para que cada um desenvolva diferentes maneiras de pensar e trabalhar. Esse conceito, hoje largamente difundido, confirma a tese de que a aprendizagem não depende apenas da estrutura biológica, mas também do meio e da qualidade dos estímulos que todos nós recebemos desde a primeira infância. Por isso, é papel de todo professor ter clareza nos objetivos e resultados que pretende alcançar, com uma atividade que não exija mais nem menos da turma.

VYGOTSKY (1998) defende que a leitura e a escrita devem ter significado para a criança e devem surgir da necessidade interior para serem, posteriormente, necessárias e relevantes para ela. Para existir uma verdadeira aprendizagem da língua escrita, é imprescindível que o ato de ler e de escrever permita ao indivíduo o pensar e o expressar de suas idéias, opiniões e sentimentos. O sujeito necessita ter contato com todos os tipos de materiais escritos para que possa explorá-los e, depois, redigi-los.

“É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de ego”, afirma Émile Benveniste<sup>1</sup>.

A escola contribui para a regressão da criatividade da criança, sobretudo das classes mais desfavorecidas, ao apontar o registro lingüístico com o qual o aluno chega à escola como vulgar e incorreto. Assim, tudo que o menino fala (e não corresponde à linguagem culta), é apontado como erro e estigmatizado pelo mestre. Caberá à escola, saber trabalhar a partir desse material e não penitenciar o aluno, até mesmo fazendo-o passar de ano sem trabalhar falsas hipóteses.

A imposição da norma culta, pura e simples, como única forma de comunicação, rompe o sistema lingüístico da criança e condena-a ao mutismo e ela, certamente, interiorizará a idéia, totalmente preconceituosa de que, já que não sabe falar tem que permanecer muda frente a quem parece saber e abaixar a cabeça, sempre aos poderosos!

A Língua Portuguesa não é somente a variação culta, assim o latim não o foi. A língua permite os mais diversos registros, que o falante deve ser capaz de dominar diante de cada situação de comunicação em que se encontrar, e diante do falante com o qual deve

---

<sup>1</sup> Émile Benveniste (1902, Cairo - 1976) foi um lingüista estruturalista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-européias e pela expansão do paradigma lingüístico estabelecido por Ferdinand de Saussure.

interagir. Se a linguagem com a qual, a criança chega à escola não é a desejada pelo professor, por outro, com ela, o pai do aluno é capaz de brigar por um lugar no SUS, por seus direitos trabalhistas, solicitar água e luz em seu barraco. Contudo, se essa criança sair da escola apenas dominando o registro culto, como ficará sua interação com a família e com os colegas? Por esses e outros fatos tão agravantes quanto aos já mencionados, é que salientam a questão lingüística, tão menosprezada pelo jovem, que está intimamente ligada à questão “social e cultural” do meio em que ele está inserido.

Todos os registros são valiosos, se aplicados à situação de comunicação do momento. Entretanto, há que se ressaltar que a pessoa vale o quanto pesa, a linguagem dominada pelo grupo em que vive, e a linguagem verbal não é o único meio eficaz de comunicação. O que não se pode, é reprimir e agredir a linguagem familiar e socialmente utilizada pela criança, atitude essa, que não a levará ao desenvolvimento da competência comunicativa, mas à perda da linguagem. Segundo o professor Carlos Franchi<sup>2</sup> “limitar a capacidade do exercício da linguagem é limitar a capacidade desse trabalho individual e social: o regresso na linguagem é o regresso em todas as áreas do conhecimento...”.

A maneira como utilizamos a linguagem, está ligada ao modo pelo qual entendemos as classes sociais e nela interagimos. Na verdade, a sala de aula é um espaço adequado para o exercício da linguagem. Cabe à escola dar aos alunos os instrumentos e colocá-los em situações de comunicação, que lhes permita o uso dos diversos registros lingüísticos.

Essa prática é sugerida por Vygotsky, quando diz que a possibilidade de comunicação não é somente o resultado de um trabalho social, uma herança adquirida passivamente, mas algo que se adquire em ambiente de rica interação social. Utilizando métodos pedagógicos adequados, o aluno será capaz de se comunicar nas diversas situações de interlocução. Há que se promover exercícios lingüísticos, procurando evitar a estigmatização da linguagem das crianças, estimulando a produção de textos que objetivam.

Segundo Franchi, a reforçar a sensibilidade para diferentes usos da linguagem, conscientizando da existência de variados registros lingüísticos e do seu prestígio social relativo; levar à compreensão do fato de que os usos da linguagem são regidos por convenções; mostrar que o registro-padrão é uma variação lingüística socialmente prestigiada,

---

<sup>2</sup>FRANCHI, Carlos. Criatividade e gramática. In: Trabalhos em lingüística aplicada 9. Campinas: Mercado de Letras, 1987.  
France Daniela de Oliveira



mas equivalente ao dialeto trazido pela criança, enquanto expressividade e poder de comunicação e conduzir, através da prática, à compreensão de que o melhor falante é aquele capaz de se adaptar a cada uma das situações de comunicação; levar o aluno a observar a oposição entre o padrão culto e o popular, possibilitando à classe produzir textos nos diferentes registros lingüísticos.

Devemos, enquanto educadores, incentivar os alunos para a compreensão do valor dos registros lingüísticos e chegar ao domínio do dialeto culto padrão, sem que seja necessária a exclusão de seu próprio dialeto. Essa conscientização e o domínio dos diferentes registros lingüísticos têm o poder de desinibir o aluno-cidadão e levá-lo ao respeito das diferenças.

Respeitar a linguagem do aluno não significa, de modo algum, deixá-lo dominar apenas o registro de sua comunicação, com o qual ele chegou, como falante, à escola. Não se pode privar o aluno o acesso aos diferentes registros lingüísticos, pois nenhum é menos expressivo que o outro. O que o aluno deve compreender é que existem diferentes situações de comunicação e que ele sairá muito melhor se souber se adaptar a elas. Desse modo, fica claro que a linguagem culta deverá ser, inegavelmente, de domínio dos professores, pois a escola é um dos raros locais, no qual o aluno ainda poderá ouvi-la, exercitá-la e apoderar-se dela, para ser capaz de utilizá-la nos devidos momentos.

O saber é construído e não trazido de fora. Para Jean Piaget o desenvolvimento moral é concomitante ao desenvolvimento lógico, com aspectos paralelos de um mesmo processo geral de adaptação. Existe uma reflexão consciente da prática passando por estágios, indo da moral heterônoma – baseada na obediência – à moral autônoma – baseada na igualdade – baseando-se nas relações sociais. Em um primeiro momento, a relação da criança com o adulto se estabelece na relação baseada na autoridade, em um segundo momento se estabelece na relação entre companheiros num sistema de reciprocidade.

Os valores ao mesmo tempo em que estão relacionados intimamente à formação do indivíduo, também são eleitos e emergentes da cultura e/ou sociedade que cada indivíduo pertence. Na teoria do psicólogo interacionista, a abordagem fundamenta-se na relação entre pensamento e linguagem, procurando possibilitar a descrição e a explicação das funções psicológicas superiores, incluindo a identificação dos mecanismos cerebrais subjacentes em uma determinada função, onde a influência dos mecanismos culturais são decisivos na natureza de cada pessoa. É a cultura que fornecerá ao indivíduo, os sistemas simbólicos de

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

representação da realidade e, por meio deles o universo de significações que permite construir uma ordenação, uma interpretação dos dados do mundo real.

Nesta visão torna-se indispensável à construção de valores, a vivência da escola no mundo social da criança. Assim, por falta de conhecimento, consciência semiótica e por automatização, a linguagem pode se tornar fascista, no dizer de Roland Barthes. Na medida em que essa linguagem automatizada e sem histórias, vem associada a práticas sociais de dominação, representando o discurso do poder, então existe uma grande complicação, quase um círculo vicioso. Essa linguagem serve, realmente, às práticas de dominação, por seu caráter.

Ao lado dos problemas de acesso, é preciso considerar o baixo rendimento das escolas, principalmente públicas. Excesso de repetência e altos índices de evasão, tornam o sistema escolar um caminho lento e tortuoso para as crianças.

Problemas também existem com relação ao magistério, no qual, não raro, a convivência entre a má formação e os baixos salários, os quais inviabilizam a profissionalização desejada. Os desafios vêm do passado e se aprofundam no presente. Superá-los é nossa obrigação e significa saldar uma dívida histórica, como diz a nossa Constituição Brasileira, no seu artigo 205, “A Educação é direito de todos e dever do Estado e da família”. No artigo 209 do mesmo instrumento legal tem-se a determinação de que “O ensino é livre à iniciativa privada”. Os dois incisos do artigo 209 determinam o que é necessário para se efetivar a possibilidade do particular atuar na Educação, ou seja “I – cumprimento das normas gerais da Educação nacional; II – autorização e avaliação de qualidade pelo Poder Público”, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da educação nacional, que expressa a política e o planejamento educacional do país, cujo nº. 9.394/96.

O acesso à educação é também um meio de abertura que dá ao indivíduo uma chave de autoconstrução e de se reconhecer como capaz de opções. O direito à educação, nesta medida, é uma oportunidade de crescimento cidadão, um caminho de opções diferenciadas e uma chave de crescente estima de si.

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é possível concluir esse artigo sem mencionar as perspectivas abertas pela nossa investigação. Estudamos os aspectos internos da linguagem, os quais eram extremamente desconhecidos. Mostramos que as palavras têm por característica fundamental serem um reflexo generalizado do mundo. Este aspecto da palavra conduz-nos ao patamar de um tema mais profundo e mais vasto — o problema geral da consciência. As palavras desempenham um papel fundamental, não só no desenvolvimento do pensamento, como também no desenvolvimento histórico da consciência globalizada. Cada palavra é um resumo do universo da consciência humana.

Devemos mudar a situação existente, e isso é uma tarefa de todos. Desse modo, acreditamos que trabalhos de extensão como este, são instrumentos de inclusão social, capaz de fomentar a construção de uma sociedade mais cidadã.

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.** (1990). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- VYGOTSKI, L. S.** (2000). Manuscrito de 1929. *educação & Sociedade*, XXI(71), 23-44.
- VYGOTSKI**, e o “aprender a aprender” críticas às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2º edição ver. E amp. São Paulo. Editora Autores Associados. 2001
- FERREIRO, E; TEBEROSKY, A.** *Psicogênese da língua escrita*. Trad. Diana Myriam Lichtensstein, Liana Di Marco e Mario Corso. 2ª ed. Porto Alegre. Artes Médicas. 1989.
- BRASIL.** Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 5692/71.
- \_\_\_\_\_. Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº. 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.
- FRANCHI, Carlos.** Criatividade e gramática. **In:** *Trabalhos em lingüística aplicada 9*. Campinas: Mercado de Letras, 1987.
- A Revista do Professor**, fevereiro de 2002. p. 42.
- A Revista do Professor**, março de 2003. p. 25.

France Daniela de Oliveira

Acadêmica do Curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – SE.

E-mail: [akitashiara@hotmail.com](mailto:akitashiara@hotmail.com)